

Suicídio nas escolas

Uma análise da cobertura da morte voluntária de estudantes em São Paulo¹

Mauren de Souza Xavier dos SANTOS²

Escola de Comunicação, Artes e Design (Famecos-PUCRS), Porto Alegre, RS

RESUMO

O presente artigo tem a proposta de analisar a cobertura dos casos de suicídio de estudantes na cidade de São Paulo em 2018. Para tal, buscaremos detalhar como o assunto foi abordado em notícias publicadas nos jornais *O Estado de S. Paulo*, a *Folha de S. Paulo* e o *Metro*. A escolha deu-se pelo fato de os três abrangerem a capital paulista com mais ênfase no seu noticiário. Para a análise, nos guiaremos pelos procedimentos indicados na Análise Textual Discursiva. É importante levar em consideração que a relação entre jornalismo e a temática é cercada de tabus, além disso, a cobertura deste tema envolve questões éticas de responsabilidade social. Entre as conclusões, destacamos a importância do papel do jornalismo como o promotor de um debate público mais adequado sobre o suicídio, diante das informações que circulam pelas redes sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; jornalismo impresso; suicídio; análise textual discursiva; adolescentes.

O suicídio não é um assunto fácil. Complexa, a morte voluntária é cercada por tabus, que dificultam o debate na opinião pública. Ao mesmo tempo, especialistas defendem uma discussão mais ampla no âmbito social, como uma ferramenta para ampliar a conscientização e a prevenção, dois caminhos para reduzir as elevadas taxas de suicídio. A Organização Mundial da Saúde (OMS), que desenvolve uma série de movimentos no sentido de tentar conter o avanço dos casos, prevê que essa é a causa da morte de 800 mil pessoas por ano, sendo assim, um problema de saúde pública. E, neste ponto, a atuação do jornalismo ganha papel relevante, apesar da existência de um receio

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Comunicação da Escola de Comunicação, Artes e Design (Famecos) - PUCRS, e-mail: maurenxavier08@gmail.com.

histórico de tratar o assunto, o que consolidou-se como um tabu nas redações dos veículos de comunicação brasileiros. Esse tabu não encontra-se explícito em manuais de redações, mas é perpetuado oralmente entre os profissionais. A cautela estava relacionada com a possibilidade de uma notícia estimular outras ocorrências, o que inclusive foi estudado na área, como a pesquisa de Dapieve (2006), que tentou identificar a partir de notícias sobre o suicídio o possível contágio que ela poderia gerar. Além disso, a cobertura de tal tema perpassa conceitos primordiais do jornalismo, como ética (BUCCI, 2000) e responsabilidade social (CHAPARRO, 1994).

Apesar do tabu, há situações que rompem o silêncio e tornam impossível ignorar a temática. Em abril de 2017, por exemplo, em função da repercussão do seriado *13 Reasons Why*³ e do Desafio da Baleia Azul⁴, a imprensa brasileira precisou dar uma atenção considerável ao suicídio de jovens, o que resultou em uma ampla cobertura. Passado um ano, novos acontecimentos trouxeram a morte voluntária de adolescentes às capas dos jornais. Em abril deste ano, uma escola de classe média de São Paulo (SP), Colégio Bandeirantes, emitiu alerta aos pais e estudantes sobre a ocorrência de dois suicídios entre seus alunos. Mais um caso foi identificado em outra escola num período próximo. Rapidamente, o fato tornou-se notícia.

De todo o conteúdo jornalístico produzido, escolhemos um recorte específico de reportagens em jornais. A escolha pelo jornalismo impresso para tal análise ocorreu pelas suas características, como a de trazer as informações consolidadas e com mais profundidade, na comparação com outros veículos de suporte mais imediatista (ERBOLATO, 2003; LAGE, 2001). Seleccionamos três jornais: *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *Metro*. Consiste esse o nosso corpus, que será apurado mais à frente.

Para a análise, deixamos claro que nosso foco é o conteúdo publicado, no caso a produção textual. As condições de produção e outras variáveis específicas de cada um dos veículos de comunicação não serão levadas em consideração nesta breve pesquisa.

³ Produção do canal de *streaming* Netflix, lançada em 31 de março de 2017, tinha como eixo o suicídio de uma jovem estudante, que conta os motivos que a levaram a tal ato em fitas, que são enviadas às pessoas citadas nelas.

⁴ O Desafio da Baleia Azul ficou conhecido como um jogo nas redes sociais em que os jovens que dele participassem teriam sido levados a cometer uma série de ações de automutilação, sendo a última o suicídio.

Como metodologia iremos utilizar a Análise Textual Discursiva, conforme indicado por Moraes e Galiazzi (2007). Segundo os autores, o processo envolve a desconstrução do texto em unidades, para depois a sua reconstrução, fazendo assim surgir novos entendimentos sobre o assunto em questão. “Uma metodologia de análise de dados e informações de natureza qualitativa com finalidade de produzir novas compreensões sobre os fenômenos e discursos” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 7). Para tal, os pesquisadores devem ter conhecimentos da temática, para ser possível a efetivada análise. Os autores consideram ainda essa metodologia como um caminho que transita entre duas formas consagradas de pesquisa textual: Análise de Conteúdo (AC) e Análise de Discurso (AD). Diante dessa breve apresentação, passaremos agora para uma breve conceitualização do suicídio e a relação com o jornalismo.

Suicídio e jornalismo

O suicídio é um tema complexo e carregado de estigmas e preconceitos, tanto contra quem o comete quanto aos familiares e demais pessoas próximas, que normalmente acabam por carregar o sentimento de culpa. A morte voluntária pode ser compreendida e analisada por várias percepções, como pela clínica, social, antropológica e psicanalítica. Levando em consideração as limitações desta pesquisa, de maneira sucinta definimos o suicídio como uma ação contra a própria vida, seguindo o conceito registrado no clássico *O Suicídio, estudo de sociologia*, de 1897, em que Durkheim descreve-o como “todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela saiba que produziria esse resultado” (DURKHEIM, 2011, p. 14). Apesar da simples definição, os caminhos que levam uma pessoa a cometer tal gesto são bem mais complexos e nebulosos. “A temática do suicídio está aberta a diferentes perspectivas e a várias ciências. Devido a sua natureza dilemática, complexa e multidimensional, não há uma maneira única de olhar ou abordar o problema” (BOTEGA, 2015, p. 23). A avaliação trazida por Botega encaixa-se bem com o fato de que o suicídio deve ser entendido dentro da sua amplitude, apesar de ser um ato individual.

Algumas considerações são relevantes no entendimento sobre o suicídio. A taxa global de casos é de 11,4 para cada 100 habitantes. Há diferença entre os gêneros. Os homens cometem mais suicídios, enquanto que as mulheres fazem mais tentativas. No panorama internacional, o Brasil tem índice de 5,8, que é inferior à média. Ao mesmo tempo, em números absolutos, a situação muda e o país fica entre os dez primeiros no ranking mundial (OMS, 2017). O primeiro boletim epidemiológico sobre o suicídio no Brasil, divulgado no ano passado pelo Ministério da Saúde, trouxe informações relevantes e apontou desafios, como a necessidade de qualificação nas notificações e nas medidas de prevenção. Estudos mostram que 90% dos casos estão associados a patologias mentais e que, dependendo das condições, podem ser diagnosticadas e tratadas, como a depressão, transtorno bipolar e abalos psicológicos. Em relação aos adolescentes, há algumas variáveis específicas, como as transformações no comportamento e no corpo, comuns dessa faixa etária, e também as dificuldades de integração social. Segundo Botega (2015, p. 90), os jovens “enfrentam situações de conflito interpessoal e possuem menor estabilidade emocional”, o que tornam-os mais vulneráveis. O suicídio é considerado a segunda principal causa de morte entre jovens entre 15 e 29 anos no mundo.

Após essa apresentação, avançamos agora na relação com o jornalismo. A OMS defende a ampliação do discurso de prevenção, no sentido de reduzir os tabus e aumentar a conscientização. Buscando qualificar a abordagem do tema pelo jornalismo, foram elaborados diversos manuais com algumas orientações aos profissionais da imprensa, como os da Associação Brasileira de Psiquiatria e do Conselho Federal de Medicina (2001) e, mais recentemente, do Ministério da Saúde (2017). Entre as recomendações, estão as de não tratar o suicídio pelo viés sensacionalista, não dizer os meios utilizados e evitar uma visão romântica do ato ou glamorosa de quem o comete. Outra orientação é trazer informações sobre os locais onde é possível buscar ajudar, assim como os sinais que podem ser indícios de que uma pessoa precisa de apoio ou suporte.

A cobertura de casos de suicídio envolve ainda dois pontos cruciais do jornalismo: a ética e a responsabilidade social. A questão ética deve-se para que a

abordagem do assunto seja adequada, uma vez que o suicídio “diz respeito à esfera privada e só deve ser divulgado quando guardar relação com assuntos de interesse público”, como apontam Ramos e Paiva (2007, p. 127). Sobre a complexidade do fazer o jornalismo e as relações éticas, Bucci (2000) reflete que há dilemas na profissão que não são simplesmente resolvidas como uma atitude certa ou errada. “Os impasses cotidianos se apresentam como bifurcações entre dois valores que, de início, parecem ser igualmente válidos” (BUCCI, 2000, p. 19). Assim, o jornalista deve acabar decidindo a publicação ou não de determinada notícia com critérios que vão além do certo ou errado. Independentemente da escolha, a reflexão ética é fundamental porque o profissional passa a ser responsável pelo conteúdo que produz, mas também pelas consequências dessa produção. Ao mesmo tempo, o jornalismo não pode simplesmente ignorar determinado assunto, ainda mais quando este necessita de debate na sociedade. Ao contrário, tem papel importante na promoção da discussão. “O jornalismo é o elo que, nos processos sociais, cria e mantém as mediações viabilizadoras do direito à informação” (CHAPARRO, 1994, p. 23). Assim, ao abordar a temática do suicídio de maneira responsável, o jornalismo colabora para cumprir a sua responsabilidade social.

Diante dessas breves considerações, passamos agora para a análise propriamente dita das três notícias. Primeiro, faremos a apresentação das mesmas; em seguida iremos retirar as unidades e, por fim, remontar o texto, conforme indicado na metodologia da Análise Textual Discursiva.

Análise

O Estado de S. Paulo foi o primeiro a publicar uma reportagem sobre o tema no dia 24 de abril de 2018, com o título na capa “Suicídio assustam pais e geram reflexão em escolas”, mostrando a relevância da notícia. Em um parágrafo, o assunto é apresentado, tendo como referência a morte de dois alunos do ensino médio na cidade de São Paulo. A reportagem interna (CAFARDO, 2018) traz os seguintes tópicos: o relato dos óbitos; o receio das escolas diante dos acontecimentos; a visão de especialistas; as peculiaridades que envolvem o suicídio entre os adolescentes; o relato dos sobreviventes; a complexidade do suicídio; o fato de os jovens não pertencerem aos

mesmo núcleos sociais; pedido para que os pais fiquem mais atentos aos sinais; e a preocupação entre os pais diante aos acontecimentos. A reportagem tem ainda um box com números do suicídio no mundo e no Brasil, além de uma tabela com os sinais de risco, no sentido de orientação.

No dia seguinte, a *Folha de S. Paulo* e o *Metro* (edição da cidade de São Paulo) também abordaram as mortes dos estudantes. A *Folha de S. Paulo* deu destaque na capa com o título “Casos de suicídio levam escolas de SP a se mobilizar”. O enfoque da chamada é o crescimento no número de jovens que cometem atos contra a própria vida e, por fim, com os acontecimentos relacionados ao ambiente escolar. Ocupando quase uma página, a reportagem é dividida em duas partes, a principal (ESTARQUE, 2018) tem o título "Suicídio entre adolescentes avança, e casos recentes mobilizam escolas", e a secundária (FRANCO, 2018) de “Trilhas na Internet guardam riscos aos corações mais frágeis”. Na primeira (ESTARQUE, 2018) o foco principal é o aumento nos casos de jovens nas últimas décadas e apresenta os seguintes conteúdos: números recentes de suicídios de jovens; a opinião de especialistas; a repercussão nas redes sociais; os desdobramentos no ambiente escolar; as peculiaridades dessa faixa etária; os sinais que podem indicar a necessidade de ajuda; a pressão das escolas; e locais de busca de ajuda.

Com uma cartola “depoimento”, a reportagem secundária (FRANCO, 2018) tem outro tipo de linguagem na comparação com a primeira, mais coloquial e pessoal. Pela narrativa, indica ser uma jornalista que é mãe, isso nos leva a crer que seja para dar uma visão mais humana e menos formal sobre o suicídio. Em relação ao texto, são abordados os seguintes tópicos: a possibilidade de encontrar conteúdos que podem desencadear pensamentos suicidas na Internet; o aumento no conteúdo em algumas comunidades em redes sociais; manifestações de apoio ao suicídio; impacto devastador da morte de um filho; a rede de pais assustados que conversam sobre o assunto; questionamentos sobre os caminhos para evitar o suicídio de jovens e a importância da informação. O conteúdo na página é composto ainda por números de casos de suicídio no Brasil entre os mais jovens; box com sinais de alerta; sobre a depressão em adolescentes; mitos; e onde buscar ajudar, inclusive com telefones.

O *Metrô (SP)* não deu destaque na primeira página, mas utilizou uma inteira para abordar o suicídio dos adolescentes. Porém, seu modelo é tablóide, assim é menor do que o formato *standard* dos outros dois jornais. Como o título “Atento aos sinais” (ATENTO, 2018), a reportagem não é assinada e aborda os seguintes pontos: suicídio no ambiente escolar; questionamentos sobre o que leva um jovem a se matar; o suicídio como um fenômeno multifatorial; explicações de especialistas; as especificidades dos casos envolvendo jovens; a importância de os pais estarem atentos; a importância dos laços sociais e redes de apoio; a influência dos laços virtuais; a relevância de se buscar ajuda. O conteúdo traz box e gráficos, com dados sobre o suicídio no mundo e no Brasil, a relação entre os gêneros, a questão das tentativas, maneiras de buscar ajuda, com telefones, recomendações para identificar quando alguém pode precisar de ajuda.

A descrição no conteúdo das três reportagens teve duas finalidades. A primeira é a apropriação detalhada do conteúdo e, conseqüentemente, permitir a identificação de similaridades e diferenças. A segunda é facilitar o entendimento das unidades que serão extraídas do texto e as suas possíveis remontagens, como será visto a seguir. Agora, vamos fazer a desfragmentação do texto a partir dos pontos que entendemos como relevantes. Nesse processo, iremos nos concentrar nos textos das reportagens internas. O conteúdo presente na capa será desconsiderado. Para facilitar o processo, segue a tabela em que estão expressas as respectivas unidades, os trechos e os jornais correspondentes.

Em relação às unidades, foram identificados os seguintes tópicos de assunto: redes sociais; estigmas sociais; adolescência; o ambiente escolar; pais e responsáveis; e o suicídio. Para facilitar o entendimento, renomeamos as reportagens da seguinte maneira: *O Estado de S. Paulo* como R1; a *Folha de S. Paulo* como R2a (principal) e R2b (secundária); e a do *Metro* como R3.

Tabela 1: Desfragmentação do texto

Redes Sociais	
O Estado de S. Paulo	R1. "A notícia tomou as redes sociais e assustou pais e estudantes de escolas particulares"; "Nos grupos de WhatsApp, os pais começaram a discutir sobre como controlar a ida em festas, questionando se havia bebidas e drogas".

Folha de S. Paulo	R2a "Boatos sobre jogos e aplicativos circularam nas redes sociais, para nervosismo dos pais"; "O Bandeirantes afirma que os dois casos envolvendo alunos do colégio não estavam ligados entre si e nega qualquer relação com jogos ou aplicativos"; "O Colégio Agostiniano São José disse que 'refuta os comentários indevidos divulgados pelas mídias sociais e que em nada acrescem à realidade do fato em si"; "As redes sociais, em muitos casos, podem passar a impressão de que todos estão felizes e, assim, contribuir para aumentar a angústia dos jovens"; R2b "Sempre houve um ou outro registro incômodo de suicídio no feed"; "Uma interação cada vez maior com este tipo de publicação"; "vê-se todos os dias mais comentários invejando a suposta 'coragem' dos suicidas, bem como avisos de 'Quem sabe um dia eu também consigo"; "Vejo diariamente mães no WhatsApp divulgando, apavoradas, eventos sinistros em colégios vizinhos". "Ensinam uma às outras modos de bloquear aplicativos"; "Nos celulares de crianças que, cada vez mais novas, são lançadas à terra de ninguém no mundo virtual".
Metro	R3 "O suicídio está também relacionado aos laços sociais, que formam uma rede de proteção, que no caso dos jovens vêm sendo substituídos cada vez mais por laços virtuais não são reais"
Estigmas Sociais	
O Estado de S. Paulo	R1 "Eram bons alunos com pais presentes"; "As pessoas falam que temos vida fácil financeiramente e parece que não temos permissão para sofrer"; "Estão dizendo que eles são covardes, fico muito triste com isso"; "Nos grupos de WhatsApp, os pais começaram a discutir sobre como controlar a ida em festas, questionando se havia bebidas e drogas"
Folha de S. Paulo	R2a "Principalmente na elite paulistana, o jovem é cobrado para ter um alto desempenho, passar em uma faculdade excelente, ter uma carreira de sucesso, estudar fora";
Metro	R3 "Suicídio. É difícil, duro, mas é preciso deixar de lado o preconceito e falar abertamente sobre o problema; especialistas afirmam que mudanças de comportamento são os principais sinais de que algo pode estar errado".
Adolescência	
O Estado de S. Paulo	R1 "É uma época complicada porque é quando o jovem 'busca pertencimento a partir de padrões que ele estabelece e, muitas vezes, não aceita que não consegue"; "Na faixa etária de 15 a 19 anos, foram 722 mortes em 2015, um recorde nos últimos dez anos. O suicídio é a segunda causa de morte de jovens no mundo";
Folha de S. Paulo	R2a "As taxas de suicídio de crianças e adolescentes no Brasil têm aumentado nas últimas décadas"; "Estudiosos mencionam questões sobre sexualidade, dificuldade de lidar com frustrações, bullying, pressão pela escolha carreira e por um bom desempenho escolar como conflitos que surgem nesta idade e podem funcionar como agravantes"; "As redes sociais, em muitos casos, podem passar a impressão de que todos estão felizes e, assim, contribuir para aumentar a angústia dos jovens"; "Principalmente na elite paulistana, o jovem é cobrado para ter um alto desempenho, passar em uma faculdade excelente, ter uma carreira de sucesso, estudar fora"; "Os adolescentes também estão mais vulneráveis ao suicídio, porque, entre outros fatores, tendem a ser mais imediatistas e impulsivos"; CVV notou um aumento na demanda de jovens;
Metro	R3 "O que leva um jovem aparentemente saudável a tirar a sua própria vida?" ; "O suicídio está também relacionado aos laços sociais, que formam uma rede de proteção, que no caso dos jovens vêm sendo substituídos cada vez mais por laços virtuais não são reais"; "Recorte novo do problema: jovens representam atualmente um grupo de risco"; "É imprescindível ficar atento"; "Os

	adolescentes vivem em um turbilhão de emoções"; "o impulso recorrente dessa fase da vida só piora o cenário"
Ambiente Escolar	
O Estado de S. Paulo	R1 "O Colégio Agostiniano São José, uma instituição católica na zona leste"; "A escola (Vértice), assim como o Bandeirantes, aparece sempre no topo de rankings de notas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e tem altos índices de aprovação nas melhores universidades do Brasil e do exterior"; "Após o primeiro caso, no dia 10, o colégio procurou uma especialista e programou atividades para tratar do tema com alunos". "A escola está em luto". "Coordenadores, professores e alunos de todos os anos choram ao falar do que aconteceu". "Ontem, crianças de todas as idades se sentaram para rodas de conversa mediadas por professores". "Nós temos expectativas de alto desempenho dos nossos alunos, mas também desenvolvemos muito o lado humano". "No fim da atividade, adultos e crianças se abraçaram e choraram juntos"; "os desafios e outros temas que permeiam a vida dos alunos são constantemente abordados em projetos e ações, e trabalhados pela equipe de orientação educacional, que presta um suporte pedagógico e socioemocional individual para o aluno e a família"; "atende os alunos com orientação educacional e promove um retiro espiritual que trata de 'assuntos relacionados ao interesse dos jovens: busca de si mesmo; o conhecimento de Deus e o relacionamento com Ele, família, namoro, drogas e perseverança de sua caminhada com Cristo'".
Folha de S. Paulo	R2a "Os episódios levaram as escolas a realizar atividades com alunos e pais para dar orientações sobre esse tema"; "Os alunos puderam colocar seus sentimentos, conversar sobre luto e perda. Eles precisavam ser acolhidos", afirma Estela Zanini, coordenadora do colégio, que também convocou uma especialista para preparar a equipe de professores e dar palestras para pais e estudantes"; "Mesmo em escolas onde não houve casos recentes, as mortes das últimas semanas impactaram a rotina"; "Acho que toda escola está se repensando neste momento", afirma Katia Chedid, diretora do Madre Alix; "Principalmente na elite paulistana, o jovem é cobrado para ter um alto desempenho, passar em uma faculdade excelente, ter uma carreira de sucesso, estudar fora"; "As escolas têm um papel fundamental, assim como as famílias, em identificar e ajudar jovens nestas situações". "A maioria dos colégios não tem planos de prevenção" e "atuam de forma reativa". "defende ação mais ativa das escolas. Para ela, é imprescindível incluir mais disciplinas e atividades que desenvolvam habilidades socioemocionais".
Metro	R3 "Uma das escolas que registrou casos de suicídio recentemente montou um grupo de apoio para atuar junto aos alunos e está promovendo palestras com especialistas para ajudar os pais a abordarem o assunto com os filhos e o processo do luto".
Pais e responsáveis	
O Estado de S. Paulo	R1 "Os pais precisam ficar muito atentos a uma eventual dificuldade"; "na porta da escola, pais se diziam assustados e confusos com a notícia das mortes"; "Quando soubemos do primeiro caso, conversamos muito, dissemos que ela pode pedir socorro para nós. Agora veio esse segundo e estou chocada"; "Os pais começaram a discutir sobre como controlar a ida em festas, questionando se havia bebidas e drogas"; "Os pais precisam dialogar, eu tenho dito a ela que a gente precisa se adaptar e aceitar". "tem de trabalhar o tema. Não pode virar uma comoção, senão pode ter mais um".
Folha de S. Paulo	R2a "Boatos sobre jogos e aplicativos circularam nas redes sociais, para nervosismo dos pais"; R2b "Como mãe, posso dizer que há poucas coisas mais apavorantes do que imaginar a morte de um filho, ainda mais quando ela é evitável". "Vejo diariamente mães no WhatsApp divulgando, apavoradas, eventos sinistros em colégios vizinhos". "Ensinam uma às outras modos de bloquear

	aplicativos". "Nos celulares de crianças que, cada vez mais novas, são lançadas à terra de ninguém no mundo virtual"
Metro	R3 "É importante estar atentos a sinais, como tristeza e isolamento";
Suicídio	
O Estado de S. Paulo	R1 "Conversas são importantes, tanto para acolhimento quanto para identificar outros adolescentes vulneráveis". "É sempre multifatorial e envolve três características: ambivalência, impulsividade e rigidez de pensamento. 'A pessoa que se mata não tem tolerância'"; "Os dois casos do Bandeirantes tiveram perfis diferentes, um deles indicava uma premeditação e o outro, um ato impulsivo. Os alunos eram de ano diferente do ensino médio e não pertenciam ao mesmo grupo de amigos". "O suicídio de uma pessoa pode influenciar a outra, mas não determinar". "Tem de trabalhar o tema. Não pode virar uma comoção, senão pode ter mais um".
Folha de S. Paulo	R2a "O Bandeirantes afirma que os dois casos envolvendo alunos do colégio não estavam ligados entre si e nega qualquer relação com jogos ou aplicativos"; "Como um dos fatores frequentemente associados ao suicídio é a presença de um transtorno mental (particularmente depressão, alcoolismo e esquizofrenia", acredita-se que a desatenção à saúde mental e a dificuldade para se obter um pronto atendimento está na raiz do problema". R2b "Falar sobre quando o assunto é suicídio: a chance que talvez tenhamos de impedi-lo"; "Quem sabe devemos começar pela empatia, especialmente no cruel tribunal da internet onde correm soltos o bullying e o julgamento precipitado - não sei"; "Caminho possa estar na informação acessível, e no amor firme e vigilante aos filhos".
Metro	R3 "O que leva um jovem aparentemente saudável a tirar a sua própria vida? A resposta não é simples"; "Fenômeno multifatorial, pode afetar indivíduos de diferentes origens, classes sociais, idades, orientações sexuais e identidades de gênero"; "Todos estão associados a algum transtorno mental, como depressão ou dependência de drogas e álcool"; "É importante estar atentos a sinais, como tristeza e isolamento"; "Nove em cada vez casos poderiam ter sido evitados se o paciente fosse visto, observado e conduzido ao tratamento adequado"; "Suicídio. É difícil, duro, mas é preciso deixar de lado o preconceito e falar abertamente sobre o problema; especialistas afirmam que mudanças de comportamento são os principais sinais de que algo pode estar errado".

Com as unidades separadas, assim como os fragmentos dos textos, iniciamos o processo de reconstrução para conseguir um metatexto. Notamos nas três reportagens que o suicídio de jovens é abordada com várias fontes e também com o apoio de especialistas. Verificamos ainda o movimento de tentar inserir o leitor neste assunto, com dados complementares e gráficos, o que normalmente são ferramentas para facilitar o entendimento. Sobre a temática do suicídio, identificamos a influência das redes sociais neste debate, tanto na disseminação das informações, como de possíveis “boatos” e comentários inapropriados, como é possível notar nestes dois trechos: “O Colégio Agostiniano São José disse que 'refuta os comentários indevidos divulgados pelas mídias sociais e que em nada crescem à realidade do fato em si” (R2a) e “As

peças falam que temos vida fácil financeiramente e parece que não temos permissão para sofrer” (R1). Em outras palavras, a discussão neste ambiente virtual pode não colaborar para a prevenção, mas ao contrário, estimular, como visto neste fragmento: “vê-se todos os dias mais comentários invejando a suposta 'coragem' dos suicidas, bem como avisos de 'Quem sabe um dia eu também consigo’” (R2b).

É neste mesmo universo das redes sociais que os pais se comunicam e trocam informações. Mesmo que as conversas não tenham embasamento sólido ou de orientação, como visto neste ponto: "Vejo diariamente mães no WhatsApp divulgando, apavoradas, eventos sinistros em colégios vizinhos" (R2b). Além disso, os textos traziam ainda as redes sociais podem servir de estimuladores e fatores de estresse para os jovens, podendo suscitar neles pensamentos suicidas.

O ambiente escolar ganhou importante destaque nas notícias. Podemos inclusive apontar que recai sobre as instituições de ensino a responsabilidade de promover o debate e fazer o acolhimento de pais e alunos, como indicado neste trecho “os episódios levaram as escolas a realizar atividades com alunos e pais para dar orientações sobre esse tema” (R2a). Ao mesmo tempo, a escola aparece como um possível fator gerador de sentimentos que podem estressar os jovens, como a pressão escolar e as exigências de bom desempenho, mesmo que digam dar espaço para um lado mais humanizado, como neste ponto “nós temos expectativas de alto desempenho dos nossos alunos, mas também desenvolvemos muito o lado humano" (R1).

Se a escola deve promover o debate, a responsabilidade dos pais e responsáveis também é enaltecida nos textos. Esse argumento fica atento nos pontos em que todas as três reportagens destacam que “há sinais” que podem ser indicativos de que os jovens precisam de ajuda, “como tristeza e isolamento” (R3). Porém, fica evidente que há um certo choque de mensagens, uma vez que esses mesmos pais são descritos como estando “assustados e confusos” (R1) ou que o assunto desperta “nervosismo” nos pais (R2a).

As notícias buscam, com o auxílio de entrevistas com especialistas, entre eles psicólogos e psiquiatras, contextualizar ao leitor as características do suicídio, como um ato que “é sempre multifatorial e envolve três características: ambivalência, impulsividade e rigidez de pensamento” (R1); ou relacionando “a presença de um

transtorno mental (particularmente depressão, alcoolismo e esquizofrenia)” (R2a). Mas também como uma situação que pode ser revertida, se receber o acolhimento correto, como neste trecho “nove em cada dez casos poderiam ter sido evitados se o paciente fosse visto, observado e conduzido ao tratamento adequado” (R3). E, neste aspecto, focam-se as atenções nos adolescentes, que dentro do universo do suicídio têm um perfil específico, por ser “uma época complicada porque é quando o jovem ‘busca pertencimento a partir de padrões que ele estabelece e, muitas vezes, não aceita que não consegue” (R1), ou ainda por enfrentarem “questões sobre sexualidade, dificuldade de lidar com frustrações, bullying, pressão pela escolha carreira e por um bom desempenho escolar” (R2a). Dentro desse contexto, também é apontado que os jovens atualmente têm dificuldade em ter “laços sociais, que formam uma rede de proteção” e o trocam por “laços virtuais não são reais” (R3). Os textos evidenciam, mesmo que de maneira superficial, alguns estigmas sociais relacionados ao suicídio. Um desses pontos está descrito no seguinte trecho em que descrevem os dois jovens que suicidaram-se como “bons alunos com pais presentes” (R1). Outro detalhe é do fato de ganhar destaque a linha religiosa de uma das escolas, como enfatizado no trecho: “O Colégio Agostiniano São José, uma instituição católica na zona leste” (R1).

Considerações finais

A partir da análise da cobertura proposta neste artigo é possível identificar que o suicídio encontra terreno fértil de discussão nas redes sociais, como destaca o título da chamada da capa e da reportagem interna do *O Estado de S. Paulo*. Porém, neste ambiente, não há filtros ou orientações, em que abordagens não adequadas do tema ocorrem, podendo inclusive estimular novos casos ao invés de colaborar para evitá-los. Isso, reforça ainda mais a importância de a morte voluntária ser discutida de maneira séria e adequada pelo jornalismo. Então, no momento que faz o debate com responsabilidade e ética, a imprensa contribui para uma discussão mais ampla e profunda a respeito do suicídio.

Não podemos deixar de assinalar uma percepção em relação ao conteúdo. Os casos de suicídio que provocaram comoção e preocupação nas escolas e nas famílias de classe média foram de jovens “elite paulistana”, como apresentados pelas próprias reportagens. Em nenhum momento houve uma indicação nas notícias de que houve uma tentativa de verificar a existência em escolas públicas ou de outras classes econômicas. Assim como buscou-se a direção das escolas particulares, os jornalistas poderiam ter tentado averiguar a situação junto aos órgãos de educação pública, por exemplo. O que também nos leva a questionar se os casos só se tornaram públicos por serem os suicidas jovens de classe média. O questionamento mostra-se pertinente no momento que esse fenômeno é carregado de preconceitos, mas, ao mesmo tempo, abrange todas as classes sociais e, assim, a compreensão pública maior deve envolver toda a sociedade, e não apenas parcela. Ou ainda gerar um sentimento de que merece atenção os jovens suicidas de classe média, enquanto que os de outras classes não seria uma situação que causasse dor e merecesse atenção.

Levando em consideração que essa pesquisa integra um estudo mais amplo, no âmbito do mestrado, acreditamos, pelos resultados obtidos, ser fundamental avançar nas análises da cobertura e da relação entre o jornalismo e o suicídio. Essa relevância ocorre pelo assunto vir recebendo mais atenção pela imprensa, o que por si só já é um grande avanço, mas também porque o discurso ainda precisa ser aprimorado no sentido de promover um diálogo sério sobre o suicídio.

REFERÊNCIAS

ATENTO aos sinais. **Metro**, São Paulo, p. 4, 25 abr. 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA e CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. **Suicídio: Informando para prevenir**. Disponível em: <<http://www.abp.org.br/portal/conheca-a-cartilha-para-combater-o-suicidio/>>/. Acesso em: 31 out. 2017.

BOTEGA, Neury José. **Crise suicida**. Avaliação e manejo. Porto Alegre: Artmed, 2015.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CAFARDO, Renata. Suicídio de estudantes causa comoção nas redes sociais e reflexões em escolas. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, A, p. 12, 24 abri. 2018.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do Jornalismo**. Buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. 2. ed. São Paulo: Sammus, 1994.

DAPIEVE, Arhtur Henrique Motta. **Suicídio por contágio** – A maneira pela qual a imprensa trata a morte voluntária. 2006. Dissertação (Pós-Graduação em Comunicação Social PUC-Rio). 2006.

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de codificação em jornalismo**: redação, captação e edição no jornal diário. São Paulo: Ática, 2003.

ESTARQUE, Marina. Suicídio entre adolescentes avança, e casos recentes mobilizam escolas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, B, p. 5, 25 abri. 2018.

FRANCO, Marcella. Trilhas na Internet guardam riscos aos corações mais frágeis. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, B, p. 5, 25 abri. 2018.

LAGE, Nilson. **Ideologia e Técnica da Notícia**. 3e. Florianópolis: Insular, 2001

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Suicídio**. Saber, agir e prevenir. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/802-sas-raiz/daet-raiz/saude-mental/11-saude-mental/29685-agenda-estrategica-de-prevencao-do-suicidio>>/. Acesso em: 31 out 2017.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Unijui, 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Suicídio é responsável por uma morte a cada 40 segundos no mundo. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/oms-suicidio-e-responsavel-por-uma-morte-a-cada-40-segundos-no-mundo/>>. Acesso em: 31 out. 2017.

RAMOS, Silvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e Violência**. Novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.